

A cobertura fotojornalística da visita de D. Manuel II ao Porto, em novembro de 1908, pela *Ilustração Portuguesa*: informação e propaganda

Jorge Pedro Sousa & Celiana Azevedo

Universidade Fernando Pessoa & ICNOVA – Instituto de Comunicação da NOVA /

Instituto Politécnico de Setúbal, Escola Superior de Educação & ICNOVA - Instituto de Comunicação da NOVA

jpsousa@ufp.edu.pt / celiana.azevedo@ese.ips.pt

Resumo

O breve reinado de D. Manuel II foi orientado para a viabilização da Monarquia Constitucional. A primeira viagem oficial como rei foi ao Porto, não tendo sido detetados quaisquer estudos sobre a cobertura jornalística desse acontecimento. A presente investigação pretende suprir, parcialmente, essa lacuna, analisando o discurso da revista *Ilustração Portuguesa*, ao tempo a revista gráfica de maior circulação, com ênfase na iconografia. Utiliza-se uma metodologia qualiquantitativa. Concluiu-se que a cobertura jornalística da visita real ao Porto se centrou na figura real,

nas atitudes de reverência para com o soberano e nos “banhos de multidão”, resultando numa narrativa favorável à Monarquia como uma instituição social sintonizada com o povo. Concluiu-se, também, que o conceito de reportagem fotográfica assentava na elaboração de uma narrativa cronológica visual do acontecimento por meio da justaposição de instantâneos fotográficos que acompanhassem a sequência de ações, entrecruzados com fotografias de espaços e personagens.

Palavras-chave: D. Manuel II; visita real ao Porto (1908); cobertura jornalística; revistas ilustradas; *Ilustração Portuguesa*.

The photojournalistic coverage of King Manuel II's visit to Porto, in November 1908, by *Ilustração Portuguesa*: information and propaganda

Abstract

The brief reign of King Manuel II was geared towards making the constitutional monarchy viable. The first trip as king was to Porto since no studies have been found on the journalistic coverage of this event. This research aims fill this gap by analyzing the discourse of the magazine *Ilustração Portuguesa*, at the time the Portuguese magazine with the largest circulation, with an emphasis on iconography. A qualitative and quantitative methodology was used. It was concluded that the journalistic coverage of the

royal visit to Porto focused on the royal figure, the attitudes of reverence towards the sovereign and the “crowd baths”, resulting in a narrative favorable to the monarchy as a social institution in tune with the people. It was also concluded that the concept of photographic reporting was based on the elaboration of a chronological narrative of the event through the juxtaposition of photographic snapshots that accompanied the sequence of actions, interspersed with photographs of spaces and characters.

Keywords: Manuel II; royal visit to Porto (1908); journalistic coverage; illustrated magazines; *Ilustração Portuguesa*.

Data de submissão: 2024-06-26. Data de aprovação: 2025-09-27.

Revista Estudos em Comunicação é financiada por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto *LabCom – Comunicação e Artes*, UIDB/00661/2020.

Introdução

D. Manuel II foi aclamado, imprevisivelmente, rei de Portugal, na sequência do regicídio de 1 de fevereiro de 1908. Num momento em que, face à agitação republicana e às divisões e intrigas entre os monárquicos, a situação da Monarquia Portuguesa era periclitante (Marques, 1973, 1995; Ramos, 2001; Serrão, 2003; Fernandes, 2008; Ramos, coord., Sousa, Monteiro, 2009; Nunes, 2006, 2009, 2019a, 2019b; Sardica, 2011, 2012), a Casa Real, sob o patrocínio da rainha-mãe, D. Amélia, empreendeu esforços para mudar as políticas de D. Carlos e propagandear o novo e inexperiente soberano, alcu-nhado “o Reizinho” (Duprat, 2012; Almeida, 2022). Num tempo “de espaço público e opinião pública renovados e alargados, em que o *voyeurismo* da imprensa e a divulgação da fotografia emprestaram ao poder uma visibilidade nova”, em que as figuras do Estado e da política eram mediatizadas e em que tinha emergido uma política de massas “radical e ruidosa”, mesmo “truculenta”, explorada por líderes de opinião que faziam da imprensa o seu palco (Santos, 2005; Sardica, 2012, p. 345, p. 347), era necessário, nomeadamente, contrariar a feroz narrativa republicana, segundo a qual “a monarquia dos Braganças era especialmente má e (...) os reis de Portugal eram os piores da Europa” (Ramos, 2001, p. 295) e consolidar a posição de D. Manuel II, distinguindo-o do seu pai, D. Carlos, alvo de um autêntico *assassínio de carácter* pela imprensa republicana (Ramos, 2005).

Ao cobrirem as atividades do novo monarca, as revistas informativas ilustradas, como a *Ilustração Portuguesa*, dirigida pelo jornalista monárquico Carlos Malheiro Dias¹, ao tempo, a mais importante de Portugal, em periodicidade, tiragem e circulação (Sousa, 2017), participaram, mesmo que, por hipótese, não intencionalmente, nesse esforço propagandístico (Nunes, 2009, 2019a). Nesse enquadramento, após um período razoável de luto por D. Carlos e D. Luís Filipe, o novo rei acolheu o monarca espanhol em Vila Viçosa, viajou pelo país e deslocou-se a Espanha, França e Inglaterra. A segunda mais importante cidade do reino, o Porto, foi escolhida para a primeira visita real. O rei partiu de Lisboa a 8 de novembro de 1908, um domingo. Viajou de comboio e chegou ao Porto a meio da tarde, tendo sido recebido e aclamado por um público numeroso. D. Manuel II esteve três dias na cidade e iniciou a viagem de regresso a Lisboa no domingo, dia 22².

Existindo expectativa sobre como seria o reinado do novo monarca e sendo delimitável no tempo, a visita de D. Manuel II ao Porto, ao Minho e à Beira Litoral foi notável e notada em Portugal, tornando-se notícia. As revistas ilustradas, especificamente, devotaram-lhe atenção (cf. tabela 1). Foi, portanto, percecionada como um *acontecimento*, como uma *singularidade* notória e digna de se tornar notícia, na linha do raciocínio de autores como Adriano Duarte Rodrigues (1988) ou Adelmo Genro Filho (2012). Teve valor como notícia, pois, apresenta qualidades que levaram os jornalistas coevos a considerarem-na um acontecimento com valor noticioso, ou seja, tratou-se de um facto social notável que congregou qualidades que lhe deram valor como notícia, dentro da linha interpretativa aberta por Galtung e Ruge (1965) e seguida por autores como Wolf (1987), Golding e Elliott (1988) e Traquina (2002).

A pesquisa bibliográfica efetuada não detetou, no entanto, qualquer pesquisa sobre a cobertura jornalística da visita real ao Porto, ainda que, ao tempo, a imprensa tivesse uma imensa penetração na sociedade portuguesa, particularmente nos principais meios urbanos, encontrando-se o jornalismo de cariz industrial e partidariamente independente consolidado em Portugal (Lima, 2012, 2022; Matos,

1. Carlos Malheiro Dias (1875-1941) foi jornalista, escritor, político e historiador. Começou a sua carreira jornalística, sempre pautada pelo trabalho em revistas ilustradas de informação geral, no Rio de Janeiro. Em Portugal, dirigiu a revista *Ilustração Portuguesa* e o semanário *Domingo Ilustrado*. Colaborou noutras revistas, como a *Branco e Negro*, a *Brasil-Portugal* e a *Serões*. No Brasil fundou e dirigiu a revista *O Cruzeiro* (1928-1975), durante muitos anos palco principal do fotojornalismo brasileiro.

2. A *Ilustração Portuguesa* começou a cobertura do acontecimento na edição de 16 de novembro, uma semana depois da chegada do rei ao Porto, quer por causa da periodicidade (saía às segundas), quer por causa da morosidade dos processos jornalísticos e editoriais centrados na fotografia. Terminou a cobertura no número de 21 de dezembro, quase um mês depois do regresso do soberano à capital. Curiosamente, a notícia gráfica do regresso do monarca à capital surge no número de 14 de dezembro de 1908, publicado três semanas depois do acontecimento.

2017; Sousa, 2021; Matos & Moreira, 2022). Por exclusão de partes, também não existe qualquer estudo centrado, especificamente, na análise da cobertura iconográfica da visita real pela imprensa, enquanto exemplo de cobertura fotojornalística na alvorada do fotojornalismo como atividade profissional, lacuna que a presente investigação pretende suprir. Uma análise da cobertura iconográfica da visita real de D. Manuel II ao Porto pela imprensa portuguesa teve de passar pelo estudo de revistas ilustradas informativas, palco fundamental da fotografia jornalística e documental à época (Proença & Manique, 1990; Serén, 2004; Sousa, 2000, 2017, 2020). Havendo várias revistas ilustradas de informação geral portuguesas que se podem inserir nessa categoria e que circulavam ao tempo, escolheu-se, para este estudo, a mais relevante em periodicidade, tiragem e circulação – a revista semanal *Ilustração Portuguesa*³, que teve a iniciativa de enviar, desde Lisboa, um foto-repórter – Joshua Benoliel⁴ – para acompanhar o rei⁵. A cobertura que protagonizou da visita de D. Manuel II foi, também, mais extensa do que aquela que foi feita pelas restantes publicações nacionais do mesmo género (cf. tabela 1), nenhuma delas semanal.

Como fator adicional de relevância para a investigação, pode realçar-se que, em 1908, o fotojornalismo se encontrava em consolidação como prática, como ofício e como profissão e ainda como produto jornalístico (Sousa, 2000, 2017, 2020), devido a fotógrafos como, no caso português, Joshua Benoliel, que, segundo relata a *Ilustração Portuguesa* e é patente na identificação da autoria das fotografias⁶, acompanhou o rei e realizou a quase totalidade das fotos, na qualidade de enviado especial da revista. Quatro fotografias sobre a visita real ao Porto⁷, das 147 contabilizadas (136 sobre a visita ao Grande Porto e onze de contexto), são da autoria de Aurélio da Paz dos Reis⁸, uma teve por autor Álvaro Cardoso de Azevedo⁹, outra foi realizada por Emílio Biel¹⁰, ainda outra é da casa de fotografia Bazar Fotográfico¹¹, cinco retratos são de Augusto Bobone¹² e um da casa fotográfica lisboeta Vidal & Fonseca. Ou seja, treze das fotos da *Ilustração Portuguesa* acerca da visita real ao Porto são da autoria identificada de outros fotógrafos que não Benoliel, mas 134 fotos (91%) são da autoria de Benoliel.

Considerando a importância do fotojornalismo como fonte histórica (Oliveira, 1997); considerando, ainda, que uma narrativa é a materialização do ato de narrar, ou seja, de reportar, de relatar, construindo-se pela apresentação de uma série de ações conectadas, num espaço e tempo determinados, no qual intervêm personagens que, normalmente, interagem umas com as outras; considerando, finalmente, que uma narrativa fotográfica e especificamente fotojornalística obedecerá aos parâmetros caracterizadores das ambições básicas da reportagem fotográfica, nomeadamente construir narrativas visuais e testemunhais dos acontecimentos, a presente investigação partiu, assim, da seguinte questão inicial: qual foi a

3. Ao tempo, três revistas ilustradas circulavam em Portugal: *O Ocidente: Revista Ilustrada de Portugal e Estrangeiro* (1878-1915); *Brasil-Portugal* (1899-1914) e *Ilustração Portuguesa* (1903-1923). Só a revista *Ilustração Portuguesa* era semanal. A revista *Brasil-Portugal* era quinzenal e tinha a fotografia como meio principal para a cobertura iconográfica da atualidade (Sousa, 2017, 2021). Já a revista *Ocidente*, à data da visita real ao Porto, era trimensal e intensificou a cobertura gráfica da atualidade por meio fotografias devido à concorrência da *Ilustração Portuguesa*.

4. Joshua Benoliel (1873-1932) é considerado o primeiro fotojornalista profissional português. Trabalhou para várias publicações, mas distinguiu-se como colaborador do jornal *O Século* e da sua revista *Ilustração Portuguesa*, entre 1906 e 1918 e a partir de 1924, já como editor de Fotografia. Estima-se que tenha produzido cerca de 2600 reportagens fotográficas e 25 mil fotografias para a *Ilustração Portuguesa* (Martins, 1933, 1942; Vieira, 2009).

5. *O Ocidente* recorreu às fotografias de Joshua Benoliel, mas a *Brasil-Portugal* usou os serviços do fotógrafo português Álvaro Cardoso de Azevedo (1894-1969), que assinava *Cardoso*, parceiro de Domingos Alvão na Fotografia Alvão.

6. Benoliel também forneceu fotografias da visita real à revista *Ocidente*.

7. Consideraram-se as localidades da Área Metropolitana do Porto, nomeadamente Porto, Gaia, Matosinhos e Santo Tirso.

8. O empresário Aurélio da Paz dos Reis (1862-1931) foi fotógrafo amador e é considerado o pioneiro do cinema em Portugal.

9. O fotógrafo português Álvaro Cardoso de Azevedo (1894-1969), que assinava *Cardoso*, foi parceiro de Domingos Alvão na Fotografia Alvão, reconhecida casa fotográfica do Porto.

10. O fotógrafo alemão Karl Emil Biel, conhecido como Emílio Biel (1838-1915), estabeleceu-se no Porto, onde fundou a Casa Biel (cujo espólio se perdeu, em parte, devido ao confisco dos bens dos súbditos alemães, em 1916, no contexto da participação portuguesa na I Guerra Mundial). É um dos pioneiros da fotografia e da fototipia em Portugal.

11. Casa fotográfica portuguesa, gerida pelo fotógrafo Vitorino Soares, que poderá ser o autor da foto.

12. Augusto Bobone (1852-1910) foi o fotógrafo oficial da Casa Real nos últimos anos da Monarquia Constitucional.

narrativa iconográfica – contando, contextualmente, com o texto verbal correlacionado – que a *Ilustração Portuguesa* construiu sobre a visita real de D. Manuel II ao Porto? Colocou-se, ainda, uma segunda questão: a partir da observação da cobertura da *Ilustração Portuguesa* sobre a visita de D. Manuel II ao Porto, o que se intui sobre o conceito de reportagem fotográfica, ao tempo?
Sendo o objetivo geral da pesquisa delimitado pela resposta às perguntas de partida, foram objetivos específicos da investigação:

1. Determinar a estrutura e os temas da narrativa iconográfica sobre a visita de D. Manuel II ao Porto na *Ilustração Portuguesa*;
2. Identificar os géneros fotográficos e os recursos expressivo-simbólicos usados pela revista para produzir sentido sobre o episódio histórico;
3. Explicitar as propostas de geração de significado e os enquadramentos sugeridos pela *Ilustração Portuguesa* para o acontecimento, tendo em conta a articulação entre a iconografia e o texto verbal e o que se conhece do contexto da época.

Para se atingirem os objetivos, fez-se uma análise descritiva sistemática, por um lado, e qualquer quantitativa, por outro, do discurso verbal e visual sobre a visita real.

1. Resultados e discussão

Os dados sistematizados na tabela 1 demonstram que as revistas ilustradas portuguesas coevas destacaram a visita real entre os assuntos abordados. A visita real de D. Manuel II ao Porto, Minho e Beira Litoral constituiu, portanto, para os portugueses coevos, um tema relevante e noticiável. Na *Ilustração Portuguesa*, a revista ilustrada de informação geral portuguesa contemporânea que cobriu mais extensamente o acontecimento, a cobertura da visita real estendeu-se por seis números consecutivos (16 de novembro a 21 de dezembro de 1908). Considerando, ainda, que cada número da *Ilustração Portuguesa* tinha – descontando a capa e contracapa e a publicidade – 32 páginas, e que os seis números em que saíram peças sobre a visita totalizaram 192 páginas, as 80 páginas consagradas pela revista ao acontecimento equivalem a 26% do total de páginas, demonstrando-se, assim, a sua importância para os coevos.

Tabela 1. Destaque dado pelas revistas ilustradas portuguesas à visita de D. Manuel II ao Porto.

	<i>Ocidente</i>	<i>Brasil-Portugal</i>	<i>Ilustração Portuguesa</i>
Números da revista com peças sobre a visita real	5	3	6
Chamadas à capa	1 (20%)	3 (100%)	4 ¹³ (67%)
Peças sobre a visita real	10	6	6
Páginas com peças sobre a visita real	12	25	80
Fotografias sobre a visita real ao Porto, Minho e Beira Litoral	30	67	243
Fotografias sobre a visita real ao Porto (inclui localidades atualmente integrantes da Área Metropolitana do Porto)	15 (50%)	55 (82%)	136 (56%)
Retratos do rei e outras imagens (fotografias e gravuras) usadas contextualmente na cobertura da visita real não classificadas nas restantes categorias	0	4	11

Fonte: elaboração própria.

13. A fotografia de capa da edição de 30 de novembro mostrava três mulheres com trajes regionais minhotos. Terá sido obtida durante a visita real e é da autoria de Benoliel, que acompanhou o rei, mas como a legenda não alude a este acontecimento, a capa não foi contabilizada.

A evidência produzida pelos dados expostos na tabela 1 permite afirmar que a visita real ao Porto, Minho e Beira Litoral foi notícia destacada na imprensa ilustrada nacional, podendo, para o facto, serem aduzidas várias razões, relacionadas com a sua noticiabilidade, ou seja, com o seu potencial e valor para este acontecimento ser tratado como notícia:

1. Foi encarada como uma singularidade notável (Rodrigues, 1988; Filho, 2012), definida no tempo (teve datas de início e de fim, que coincidiram com a partida do soberano de Lisboa e com o seu regresso à capital) e no espaço (Porto, Braga, Guimarães, Santo Tirso, Barcelos, Espinho, Santa Maria da Feira, Aveiro e Coimbra), que, apesar da sua duração (17 dias), podia ser tratada como notícia individual em desenvolvimento (Wolf, 1987);
2. Combina valores-notícia (cf. Galtung, Ruge, 1965; Wolf, 1987; Golding, Elliott, 1988; Traquina, 2002) que a tornaram particularmente relevante como notícia, como a referência a pessoas e lugares hierarquicamente importantes no contexto português, o potencial de personalização e centralização da cobertura na pessoa real, a proximidade, a atualidade, o impacto social, aferido pelo número de pessoas envolvidas nos eventos, o impacto sobre a Nação e o interesse político e social, a clareza no significado (legitimação do novo monarca e obtenção de conhecimento sobre o país no qual reinava) e a consonância com as expectativas (esperar-se-ia que o novo monarca visitasse o país de que era soberano e que os meios jornalísticos fizessem a cobertura, conforme tinha sucedido com visitas régias anteriores, como a visita de D. Carlos e da Família Real ao Porto, em 1894, para celebração do 5.º centenário do nascimento do infante D. Henrique, e a publicação faseada da reportagem geraria expectativa no público sobre o que viria a seguir);
3. Ainda no que respeita aos valores-notícia, no caso os referentes, especificamente, às revistas de informação geral ilustradas, deve destacar-se o potencial que o acontecimento oferecia para ser coberto com imagens (Wolf, 1987; Traquina, 2002), designadamente por meio de fotografias, o que pode ser comprovado pelo número de fotografias sobre a visita real ao Porto, Minho e Beira Litoral publicadas nas três revistas ilustradas, que ascendem a 355. Só a *Ilustração Portuguesa*, analisada nesta pesquisa, publicou uma média de 42,3 fotografias em cada um dos números em que cobriu a visita real e compôs quatro capas em seis (67%) com imagens fotográficas do acontecimento (cf. figura 1).

A cobertura fotojornalística da visita de D. Manuel II ao Porto, em novembro de 1908, pela *Ilustração Portuguesa*: informação e propaganda

Figura 1. Capas da *Ilustração Portuguesa* alusivas à viagem real.
Fonte: reproduções dos originais de 16 e 23 de novembro e de 7 e 14 de dezembro de 1908.



As seis matérias sobre a visita régia publicadas na *Ilustração Portuguesa* ao longo dos seis números em que o tema foi coberto intitularam-se todas “A viagem d’el-rei ao Norte”, o que conferiu unidade à cobertura do acontecimento à medida que este se desenvolvia. Na verdade, as seis peças poderiam ser consideradas uma peça única “em fascículos” se cada uma delas não apresentasse unidade temática, coerência interna e princípio, meio e fim. Ainda assim, a peça precedente criaria expectativa no leitor e levá-lo-ia a querer ler e *ver* a subsequente. O encadeamento e a sequencialidade estimulariam a compra da revista, número a número, ao leitor que quisesse acompanhar, visual e verbalmente, o acontecimento. A edição de 16 de novembro de 1908 é a primeira em que há referência à visita régia, iniciada, no entanto, sete dias antes, a 9 de novembro, data do número anterior da revista. A *Ilustração*

Portuguesa poderia ter feito uma antevisão do acontecimento, que era previsível e estava em agenda¹⁴. A inexistência de referências a um acontecimento que já estava em desenvolvimento pode ser lida como uma falha editorial da revista perante os seus leitores. Na primeira matéria, a revista refere-se à receção “excecionalmente afetuosa e bastante entusiástica”¹⁵ ao monarca no Porto, cuja “massa popular” brindou, repetidamente, o rei com “entusiásticas ovações”. Pedagogicamente, o redator explica, ainda, o posicionamento editorial da revista perante o acontecimento e perante os diários. A revista orientava-se para o *ver* e não para o *ler*: “Os telegramas publicados pelos jornais diários dão pormenores completos (...). A *Ilustração Portuguesa* (...) resume-se (...) a registar uma larga reportagem fotográfica dos dias festivos e triunfantes que estão preenchendo a viagem do rei ao norte”¹⁶.

No número de 23 de novembro, o redator vinca que a revista continuava a sua “completa reportagem fotográfica”, acrescentando que a mesma obedecia a uma “ordem cronológica”. Enfatiza, ainda, que “a eloquência dos documentos [fotográficos] publicados dispensa quaisquer descritivos, aliás já profusamente divulgados na imprensa diária”¹⁷. No entanto, o redator vai mais longe, procurando enaltecer o jovem e inexperiente soberano, mas também precavê-lo contra os políticos:

O norte do país mostra-se empenhado em patentear ao jovem monarca os recursos poderosos da sua iniciativa, do seu trabalho e da sua riqueza, demonstrando-lhe que só a obra deletéria dos políticos pôde arrastar o país à gravíssima situação financeira e económica em que ele se encontra.

A presente viagem significa, com todas as suas festas, um libelo que deve impressionar a mocidade refletida do soberano. Nós o desejamos para seu bem e bem de todos.¹⁸

A 30 de novembro, escrevia o redator que a *Ilustração Portuguesa* continuava a publicar a “documentação gráfica” da visita do chefe do Estado ao Porto e ao norte do país, que denomina “odisseia régia”, aludindo ao seu “valor histórico futuro”¹⁹. Explicita que a “reportagem fotográfica tão larga quanto possível” visava satisfazer a “natural curiosidade” dos leitores a quem interessava “a reprodução dos acontecimentos contemporâneos”²⁰. Acrescenta que a reportagem fotográfica visava constituir um *arquivo cronológico* “dos factos”, servindo de “complemento à crónica escrita dos jornais noticiosos, que dia a dia registam todas as notas e informações da viagem real”²¹. Quanto à forma como o soberano foi recebido, o texto verbal é expressivo – “Por toda a parte El-Rei tem sido acolhido com o respeito que a sua alta representação social impõe e com a simpatia que a sua mocidade e o seu espírito bem-intencionado despertam”²².

A edição de 7 de dezembro da *Ilustração Portuguesa* volta-se, novamente, para a justificação da “reportagem fotográfica largamente pormenorizada” da visita real – cumprir o intuito de “constituir depoimento gráfico completo dos acontecimentos da atualidade que interessam à vida do país”²³. A cobertura finaliza no número de 21 de dezembro, em página interior (e não na primeira página de cada número, como tinha acontecido até aí), com as seguintes palavras:

14. A revista *Ocidente* refere-se ao assunto logo no número de 10 de novembro de 1908.

15. *Ilustração Portuguesa*, 16 de novembro de 1908, n.º 143, p. 609.

16. *Ilustração Portuguesa*, 16 de novembro de 1908, n.º 143, p. 609.

17. *Ilustração Portuguesa*, 23 de novembro de 1908, n.º 144, p. 641.

18. *Ilustração Portuguesa*, 23 de novembro de 1908, n.º 144, p. 641.

19. *Ilustração Portuguesa*, 30 de novembro de 1908, n.º 145, p. 673.

20. *Ilustração Portuguesa*, 30 de novembro de 1908, n.º 145, p. 673.

21. *Ilustração Portuguesa*, 30 de novembro de 1908, n.º 145, p. 673.

22. *Ilustração Portuguesa*, 30 de novembro de 1908, n.º 145, p. 673.

23. *Ilustração Portuguesa*, 7 de dezembro de 1908, n.º 146, p. 705.

Está concluída a viagem ao norte, com a qual el-rei D. Manuel iniciou a sua série de visitas às diversas terras do país e que decerto lhe deixou no espírito, não só pela forma como foi recebido como também pelas lições (...), uma larga e profunda recordação (...).

A *Ilustração Portuguesa* acompanhou com a mais pormenorizada reportagem fotográfica todos os passos da digressão régia, coligindo assim, no cumprimento do programa que se impôs, os elementos gráficos completos e imparciais da história (...) e estamos certos de que os nossos leitores não deixarão de agradecer-nos os esforços (...) para corresponder aos compromissos que com eles tomamos.²⁴

As ideias enquadrantes do texto verbal da revista sobre o acontecimento são, por um lado, meta-jornalísticas e, por outro, debruçam-se sobre o acontecimento em si, podendo considerar-se, sobretudo, político-sociais.

Quadro 1. Enquadramentos meta-jornalísticos no discurso da *Ilustração Portuguesa* sobre a visita real.

Ideias-chave (enquadramentos)	Excertos verbais
O papel das revistas ilustradas de informação geral é complementar visualmente as notícias dos diários noticiosos	Os telegramas publicados pelos jornais diários dão pormenores completos (...). A <i>Ilustração Portuguesa</i> (...) resume-se (...) a registar uma larga reportagem fotográfica (16 de novembro de 1908). A <i>Ilustração Portuguesa</i> vai cronologicamente arquivando por meio de uma reportagem fotográfica (...) que serve de complemento à crónica escrita dos jornais noticiosos que dia a dia registam todas as notas e informações da viagem real. (30 de novembro de 1908)
A fotografia é testemunha isenta dos acontecimentos (fotografia como <i>espelho da realidade</i>) e tem valor histórico e documental como reprodutora do mundo real	A eloquência dos documentos [fotográficos] publicados dispensa quaisquer descritivos (23 de novembro de 1908). Valor histórico futuro (30 de novembro de 1908). <i>Arquivo</i> “dos factos” (30 de novembro de 1908). <i>Reprodução</i> dos acontecimentos contemporâneos (30 de novembro de 1908). Depoimento gráfico (7 de dezembro de 1908). Elementos gráficos completos e imparciais (21 de dezembro de 1908).
A <i>Ilustração Portuguesa</i> visava satisfazer o <i>contrato de leitura</i> ²⁵ com o leitor	Satisfaz, assim, a natural curiosidade (...) dos leitores (30 de novembro de 1908). Estamos certos de que os nossos leitores não deixarão de agradecer-nos os esforços (...) para corresponder aos compromissos que com eles tomamos (21 de dezembro de 1908).
A reportagem fotográfica pressupõe uma organização cronológica	Ordem cronológica (23 de novembro de 1908).

Fonte: elaboração própria.

Quadro 2. Enquadramentos político-sociais da viagem real no discurso da *Ilustração Portuguesa*.

Ideias-chave (enquadramentos)	Excertos verbais
A visita real foi um êxito	[recepção] exceccionalmente afetuosa e bastante entusiástica (16 de novembro de 1908). A compacta massa popular (...) fez a el-rei as mais entusiásticas ovações. (16 de novembro de 1908). Dias festivos e triunfantes (16 de novembro de 1908). Por toda a parte El-Rei tem sido acolhido com (...) respeito (...) e (...) simpatia (30 de novembro de 1908).
O rei é inexperiente e jovem apesar de bem-intencionado e respeitado (receio sobre o futuro da monarquia constitucional, apesar da esperança sobre o novo reinado)	Jovem monarca (23 de novembro de 1908). Mocidade refletida do soberano (23 de novembro de 1908). Por toda a parte El-Rei tem sido acolhido com o respeito que a sua alta representação social impõe e com a simpatia que a sua mocidade e o seu espírito bem-intencionado despertam. (30 de novembro de 1908).
São os políticos, e não os monarcas/a monarquia, os responsáveis pela situação do país	O norte do país mostra-se empenhado em patentear ao jovem monarca os recursos poderosos da sua iniciativa, do seu trabalho e da sua riqueza, demonstrando-lhe que só a obra deletéria dos políticos pôde arrastar o país à gravíssima situação financeira e económica em que ele se encontra. (23 de novembro de 1908)

Fonte: elaboração própria.

24. *Ilustração Portuguesa*, 21 de dezembro de 1908, n.º 148, p. 783.

A narrativa iconográfica da *Ilustração Portuguesa* sobre a visita real de D. Manuel II ao Porto e localidades da sua atual Área Metropolitana, que constitui o objeto desta investigação, é quase exclusivamente fotográfica, pois, entre todas as imagens, somente se encontrou uma gravura, no caso referente à ornamentação de uma pasta oferecida ao soberano. As 147 fotografias, contabilizadas e codificadas para efeitos de análise, repartem-se por quatro categorias (quadro 3).

Quadro 3. Fotografias por tipo.

Categoria (tipo)	Descrição	N.º	%
Retratos	Fotografias que se centram na representação iconográfica dos personagens da narrativa iconográfica, sobretudo dos protagonistas, normalmente apresentados em pose ou quase em pose, o que permite aos sujeitos fotografados valorizarem a sua imagem). Dez das fotografias codificadas e contabilizadas como retratos são retratos individuais, incluindo-se aqui uma fotografia que reproduz uma pintura de retrato (individual) do rei (figura 12), correspondendo a 4% do total de imagens fotográficas e 25% do total de retratos. Trinta fotografias são retratos coletivos (exemplos: figuras 13, 14, 15, 16, 17, 18), atingindo 12% do total de fotos e 75% do total de retratos. Os retratos individuais e coletivos com o rei em evidência, só ou com personagens a rodeá-lo, em pose ou quase pose e sem que perca o protagonismo, são nove, correspondendo a 6% das fotografias e 22,5% dos retratos (exemplos: figuras 12, 13, 14, 15). Os retratos individuais ou coletivos de outras personagens da narrativa iconográfica, sem a presença do rei, mas que são fotografados por causa da viagem real, são 31, correspondendo a 21% do total de fotografias e a 77,5% dos retratos (figuras 16, 17, 18). O povo comum aparece como uma espécie de personagem coletiva da narrativa, sendo realçado em retratos coletivos (figuras 17, 18), que providenciam a evidência discursiva de uma monarquia popular.	40	27
Ação (atividades da visita real)	Fotografias que procuram documentar os aspetos ativos do acontecimento, dotando-o de narratividade cronológica (exemplo: figuras 5, 6, 7, 8, 9, 10) e permitindo, assim, a visualização dos diferentes segmentos que compuseram a visita real ao Porto e sua atual Área Metropolitana (chegada de D. Manuel II ao Porto, visitas institucionais, ocasiões celebrativas...).	99	67
Paisagens e edificado	Fotografias que documentam os espaços onde o acontecimento se desenvolveu (exemplos: figuras 2, 3, 4).	7	5
<i>Fait divers</i>	Fotografias inusitadas de aspetos secundários do acontecimento. No caso, foi codificada e contabilizada uma fotografia que mostra um fotógrafo amador em ação (figura 19). Essa foto aponta para a cumplicidade entre fotógrafos como companheiros de ofício (o fotógrafo fotografa o fotógrafo para valorizar o ofício).	1	1

Fonte: elaboração própria.

Figura 2. Porto, espaço central do acontecimento, visto de Gaia.



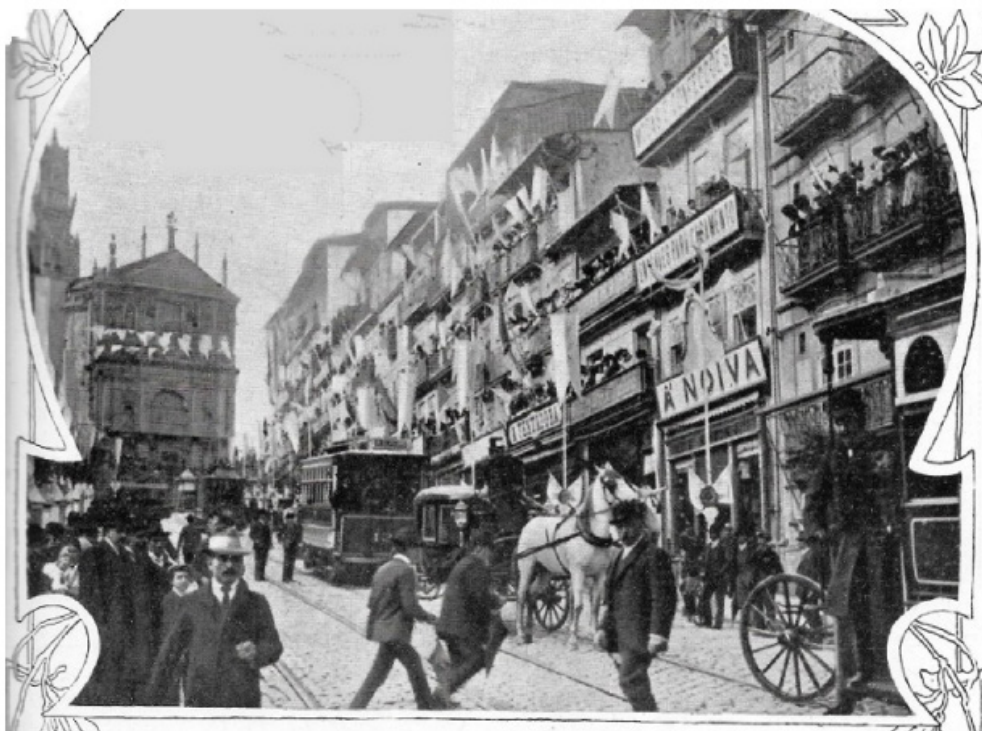
Fonte: *Ilustração Portuguesa*, n.º 143, 16 de novembro de 1908, p. 609.
Créditos fotográficos: Joshua Benoliel.

Figura 3. Palácio dos Carrancas (atual edifício do Museu Nacional Soares dos Reis), no Porto, residência real durante a visita de D. Manuel II ao Porto, Minho e Beira Litoral.



Fonte: *Ilustração Portuguesa*, n.º 143, 16 de novembro de 1908, p. 612.
Créditos fotográficos: Joshua Benoliel.

Figura 4. A rua dos Clérigos, no Porto, engalanada para receber o rei.



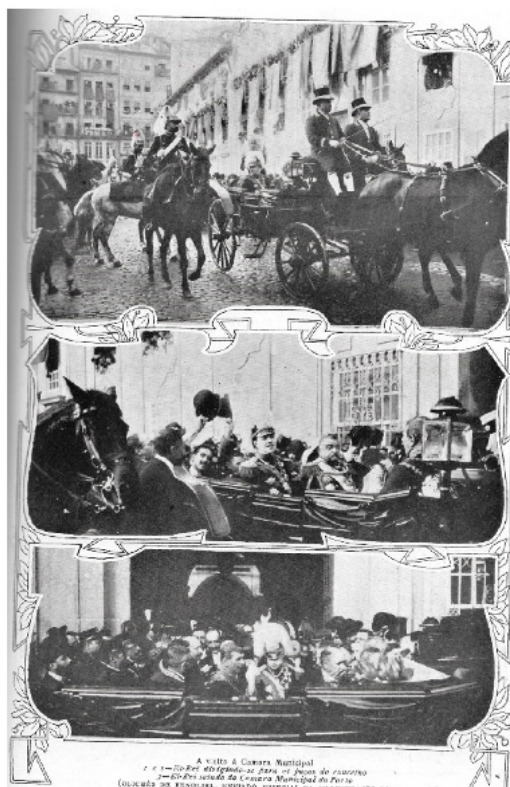
Fonte: *Ilustração Portuguesa*, n.º 144, 23 de novembro de 1908, p. 641.
Créditos fotográficos: Joshua Benoliel.

Figura 5. Populares aglomeram-se para verem o rei na chegada do soberano ao Porto.



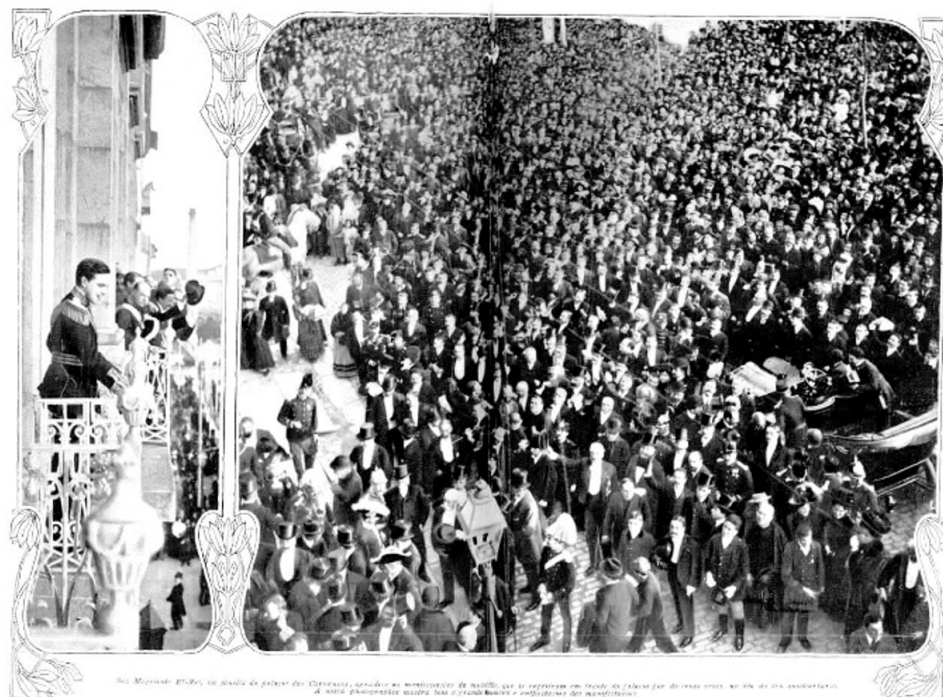
Fonte: *Ilustração Portuguesa*, n.º 143, 16 de novembro de 1908, p. 610.
Créditos fotográficos: Joshua Benoliel.

Figura 6. Sequência “cinematográfica” de imagens da visita do rei à Câmara Municipal do Porto.



Fonte: *Ilustração Portuguesa*, n.º 143, 16 de novembro de 1908, p. 615.
Créditos fotográficos: Joshua Benoliel.

Figura 7. Justaposição de fotografias em dupla página – o rei agradece à varanda do palácio dos Carrancas as felicitações populares por ocasião do seu aniversário.



Fonte: *Ilustração Portuguesa*, n.º 144, 23 de novembro de 1908, pp. 656-657.
Créditos fotográficos: Joshua Benoliel.

Figura 8. Populares aclamam o rei.



Fonte: *Ilustração Portuguesa*, n.º 144, 23 de novembro de 1908, p. 643.
Créditos fotográficos: Joshua Benoliel.

Figura 9. Beija-mão ao rei durante a visita à Escola Industrial Infante D. Henrique, no Porto.



Fonte: *Ilustração Portuguesa*, n.º 144, 23 de novembro de 1908, p. 659.
Créditos fotográficos: Joshua Benoliel.

Figura 10. O rei rodeado de individualidades na saída de um *Te Deum* na igreja da Lapa.



Fonte: *Ilustração Portuguesa*, n.º 144, 23 de novembro de 1908, p.661.
Créditos fotográficos: Joshua Benoliel.

Figura 11. Instantâneo do rei durante a visita real.



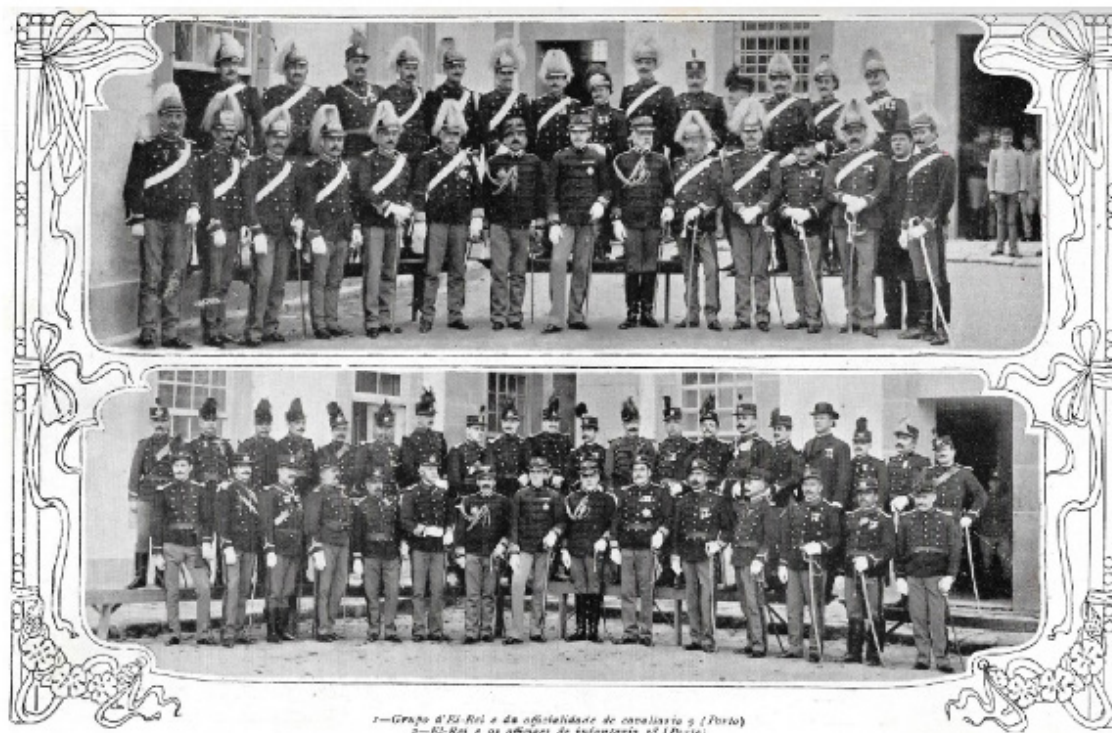
Fonte: *Ilustração Portuguesa*, n.º 144, 23 de novembro de 1908, p. 641.
Créditos fotográficos: Joshua Benoliel.

Figura 12. Fotografia de uma pintura de retrato representando o rei.



Fonte: *Ilustração Portuguesa*, n.º 14, 21 de novembro de 1908, p..
Créditos fotográficos: Joshua Benoliel.

Figura 13. Retratos coletivos protocolares do rei com militares e guardas das guarnições do Porto.



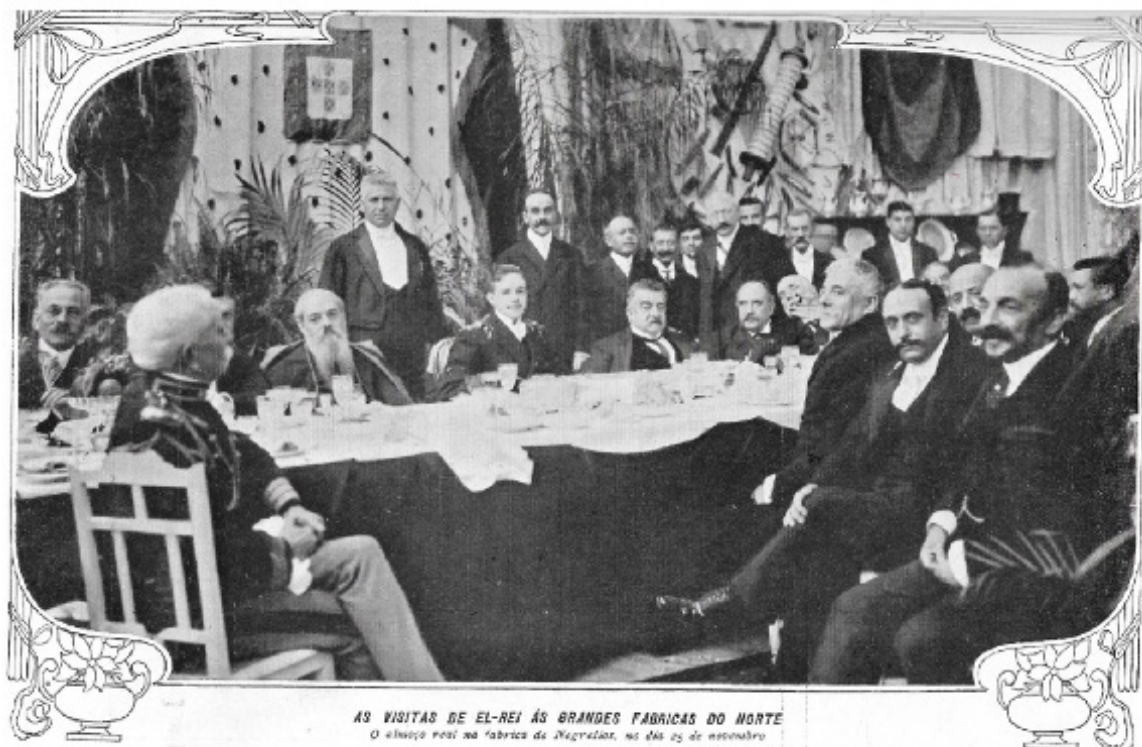
Fonte: *Ilustração Portuguesa*, n.º 148, 21 de dezembro de 1908, p. 787.
Créditos fotográficos: Joshua Benoliel.

Figura 14. Retrato coletivo do rei com o governador civil do Porto e com o reitor do Colégio dos Órfãos.



Fonte: *Ilustração Portuguesa*, n.º 144, 23 de novembro de 1908, p. 643.
Créditos fotográficos: Joshua Benoliel.

Figura 15. Retrato coletivo com a presença do rei numa visita a uma fábrica em Santo Tirso.



Fonte: *Ilustração Portuguesa*, n.º 146, 7 de dezembro de 1908, p. 717.
Créditos fotográficos: Joshua Benoliel.

Figura 16. Estudantes e professores de Medicina posam à entrada do hospital de Santo António, no Porto, enquanto aguardam o rei.



Fonte: *Ilustração Portuguesa*, n.º 145, 30 de novembro de 1908, p. 675.
Créditos fotográficos: Joshua Benoliel.

Figura 17. Operárias matosinhenses, trajadas com roupas típicas, perfilam-se para verem o rei durante a visita à fábrica em que laboravam.



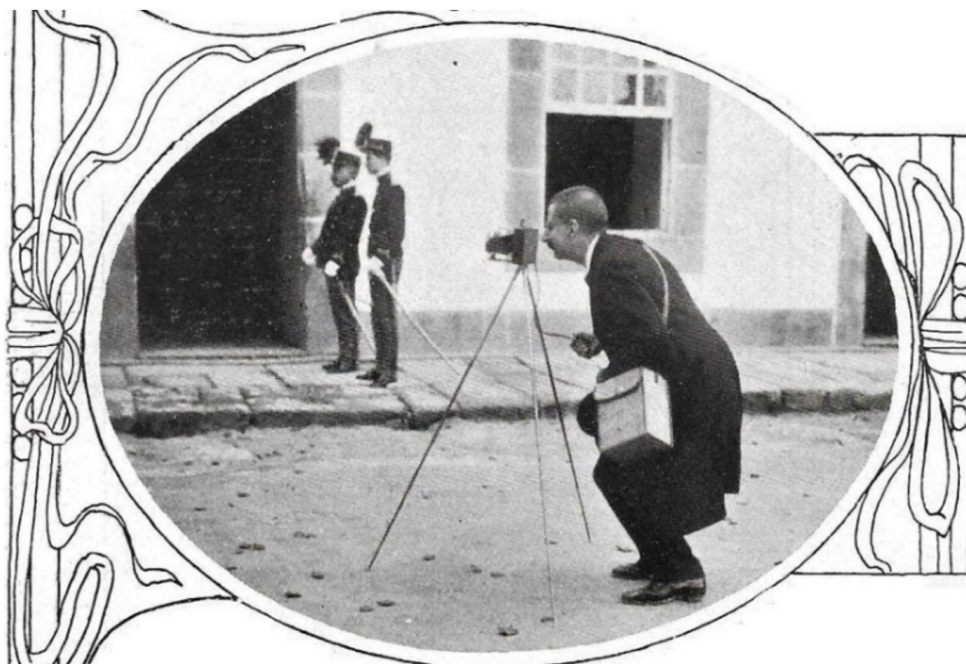
Fonte: *Ilustração Portuguesa*, n.º 146, 7 de dezembro de 1908, p. 707.
Créditos fotográficos: Joshua Benoliel.

Figura 18. Populares portuenses alinham-se para verem o rei na escadaria do hospital de Santo António.



Fonte: *Ilustração Portuguesa*, n.º 144, 23 de novembro de 1908, p. 647.
Créditos fotográficos: Joshua Benoliel.

Figura 19. Um fotógrafo amador, designado *kodakista* na legenda, fotografa um instante da visita real.



Fonte: *Ilustração Portuguesa*, n.º 148, 21 de dezembro de 1908, p. 790.

Créditos fotográficos: Joshua Benoliel.

Uma narrativa é a materialização do ato de narrar, ou seja, de reportar, de relatar. Uma narrativa constrói-se pela apresentação de uma série de eventos conectados, num espaço e tempo específicos e determinados, no qual intervêm personagens que, normalmente, interagem umas com as outras. Uma narrativa fotográfica obedece aos mesmos parâmetros caracterizadores. Os dados quantitativos e as fotografias escolhidas como exemplos-padrão da narrativa visual do acontecimento documentam que a narrativa iconográfica da visita real de D. Manuel II ao Porto e à sua atual Área Metropolitana, que, enfatize-se, constitui um exemplo histórico de reportagem fotojornalística na alvorada do fotojornalismo profissional, é constituída:

1. Por fotografias de ação (67% das fotografias), nas quais assenta a narrativa propriamente dita, estabelecendo, simbolicamente, do início ao fim, as interações entre as personagens ao longo do tempo e a cronologia de eventos singulares, traduzidos em instantâneos fotográficos, que compõem o acontecimento ou o seu contexto (figuras 5, 6, 7, 8, 9, 10). A predominância, na narrativa iconográfica, de fotografias de ação justifica-se porque estas imagens se incorporam numa reportagem fotográfica de um acontecimento diversificado nos momentos que o compuseram, que se desenvolveu ao longo de vários dias e que constituiu o motivo da cobertura. São essas fotografias que dotam a narrativa de uma perspetiva temporal cronológica. Por outras palavras, representam a passagem do tempo durante o acontecimento, que se desenvolveu num espaço específico e num tempo determinado. Na verdade, porém, a representação da marcha do tempo escolhida pelo editor, por meio da justaposição de imagens referentes a instantes fotografados, pressupostamente sucessivos, conforme anunciou a própria revista no contexto da cobertura (cf. quadro 1), poderá não ter equivalência à cronologia real do acontecimento, sendo, portanto, uma *ficção* suportada nos vestígios fotográficos de instantes de acontecimentos reais.

Relembre-se, a propósito, que Barthes (1984) explicou que a justaposição é um dos elementos sintáticos da linguagem fotográfica suscetíveis de contribuir para a geração de sentido para a mensagem fotográfica.

A visita régia propiciou várias *oportunidades fotográficas* para captar o soberano em vários momentos de interação descontraída com os seus súbditos. As fotografias de ação dão, assim, *intensidade, força e interesse humano* à narrativa iconográfica do acontecimento.

2. Por fotografias de retrato (27% das fotografias), que destacam personagens da narrativa, nomeadamente o rei e personalidades de relevo social e populares que interagiram com o soberano (figuras 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18). Os retratos colocam em evidência quer o rei (6% das fotos), protagonista da ação (figuras 12, 13, 14, 15), quer outros personagens (21% das fotos), que, no entanto, estão presentes na narrativa porque se relacionaram com o rei durante a visita real (figuras 16, 17, 18). Efetivamente, o rei, mesmo quando ausente dos retratos, é *sempre* o pretexto da cobertura, conforme se depreende do contexto da situação relatada. Todavia, o relevo dado, fotograficamente, a outras personagens da narrativa, além de adicionar *cor local e interesse humano* à história, promoveu a identificação do público-alvo (classes médias e altas) com a revista e, assim, terá estimulado as respetivas vendas, pois a representação de indivíduos do público-alvo na própria revista espiciaria a adesão destes leitores à publicação e a manutenção, pela sua parte, do *contrato de leitura* (Verón, 1983, 2004) com a *Ilustração Portuguesa*.

3. Por fotografias de paisagens e edifícios (figuras 2, 3, 4), que dão a necessária dimensão espacial ao acontecimento narrado iconograficamente. As fotografias de paisagens e do edificado (5%) facultam ao observador contemplar as representações dos espaços onde o acontecimento ocorreu. Várias fotografias, não tendo por objetivo mostrar espaços ao leitor, mostram, não obstante, os espaços dos eventos, sendo de notar, numa era de mediatização fotográfica, o acesso privilegiado dos fotógrafos aos mesmos (figura 15).

4. Por uma fotografia de *fait-divers* (figura 19). A única fotografia (1%) classificada como *fait divers* é marginal à narrativa fotográfica e mostra a atuação de um fotógrafo amador, tornando evidentes os laços de camaradagem entre os fotógrafos (o fotógrafo fotografa o fotógrafo, valorizando o ofício compartilhado). A sua inclusão na narrativa terá tido por objetivos valorizar a *arte fotográfica* como ofício e ampliar as perspetivas de leitura dos diferentes aspetos do acontecimento por parte do observador, estimulando o *interesse humano* da história e promovendo a curiosidade do leitor.

Em suma, a narrativa visual da visita real ao Porto e localidades da sua atual Área Metropolitana construiu-se em torno da apresentação simbólica e significativa de uma série de instantes, fixados fotograficamente, de ocorrências tidas por relevantes, cronologicamente ordenadas, mesmo que se trate de uma cronologia construída e *fictícia*. Nessa narrativa, determinadas personagens, com destaque para o rei, interagiram, num espaço e tempo determinados. A narrativa centrou-se, assim, nos aspetos ativos da visita real, em concreto nas diferentes ações segmentadas que compuseram o acontecimento, sem ignorar o potencial dos retratos para o leitor observar e identificar, com detalhe, os protagonistas da ação e outras personagens. Ao mesmo tempo, as fotografias de paisagens e do exterior e interior de edifícios facultaram ao leitor a aquisição de uma noção sobre os espaços em que o acontecimento se desenvolveu. Satisfazer a curiosidade visual do leitor sobre os acontecimentos que, eventualmente, não presenciara; sobre personagens da vida política e social com quem, provavelmente, nunca se teria cruzado; e sobre espaços que nunca ou dificilmente contemplaria na realidade, num tempo em que viajar era incomum, constituía, tal como hoje, certamente, constitui, um dos objetivos do recurso às imagens informativas no jornalismo. É de destacar, ainda, o papel do texto verbal (cf. quadros 1 e 2) – texto de

enquadramento e legendas – na ancoragem e condução de sentido e construção de significados para as imagens fotográficas. O sentido e os significados que o leitor terá extraído da narrativa certamente resultaram da conjugação da leitura e interpretação dos seus elementos visuais com os seus elementos verbais.

A estrutura da narrativa que resultou da cobertura fotojornalística da visita real ao Porto e outras localidades da sua atual Área Metropolitana dever-se-á à confluência de vários fatores (cf. Sousa, 2005b), como sejam:

1. A *ação pessoal* dos fotógrafos, designadamente de Joshua Benoliel, que cobriram, diligentemente, vários instantes da visita real, sendo-lhes permitido acompanhar o chefe de Estado, entrar nos espaços onde decorriam os eventos e fotografar as personagens em interação, inclusivamente em retratos coletivos (como os das figuras 13, 14, 15), no qual os *atores sociais*, personagens da narrativa, posam para a câmara (figura 14).
2. A *interação* dos fotógrafos, redator(es) e editor da revista, que já remete para o que se pode considerar uma *dimensão social* que transcende o contributo pessoal de cada interveniente na produção e construção da narrativa jornalística. A narrativa do acontecimento, como resultado, deve-se, assim, ao contributo de vários autores em interação, designadamente de fotógrafos, redator(es) e editor, os *narradores*, sendo possível que o arranjo autoral final da reportagem seja de Carlos Malheiro Dias, ao tempo diretor e editor da *Ilustração Portuguesa*;
3. O *fator tecnológico*, já que, em 1908, a tecnologia fotográfica (maneabilidade e portabilidade das câmaras, luminosidade das objetivas, sensibilidade do suporte, dispositivos de iluminação no interior, designadamente *flash* de magnésio) permitia a cobertura de instantes de ação (figuras 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11) em espaços exteriores e fotografias posadas em espaços interiores (figura 15).
4. A interiorização de aspetos da linguagem visual, que remete para uma *dimensão cultural*, o que se pode observar, por exemplo, na procura de sequências de imagens que estabeleçam uma cronologia dos acontecimentos, conforme se denota quer no resultado final (a narrativa na sua totalidade), quer em algumas sequências discursivas fotográficas que integram a narrativa (figura 6). A cultura da época, definidora não apenas dos gostos dominantes, mas também da maneira de olhar para o mundo e para os outros, e as rotinas profissionais, limitadas, não obstante, pelas possibilidades da tecnologia existente, ofereceram formas de abordagem canónicas à cobertura da visita real.

Conforme se observa nas fotografias selecionadas como exemplos-padrão da cobertura (figuras 2 a 19), a opção por uma narrativa fotográfica extensa que deu, acumulativa e sucessivamente, conta de vários instantes do que se passou, entrecruzada com imagens das personagens individuais e coletivas da narrativa e dos espaços que albergaram os eventos, permitiu à fotografia cumprir o seu papel de documentar e testemunhar, global e visualmente, o acontecimento e de saciar a curiosidade visual do leitor e as suas expectativas informativas. Aliás, não era, ao tempo, comum, nas revistas ilustradas portuguesas, optar-se por abordagens aos assuntos da atualidade centradas em fotografias únicas que condensassem em si a simbologia de todo um acontecimento (cf. Sousa, 2017), o que Henri Cartier-Bresson veio a chamar de “instante decisivo”. Por um lado, o leitor português esperaria das revistas ilustradas uma espécie de *filme* dos diferentes acontecimentos e estas publicações tentavam corresponder às demandas do seu público para serem viáveis no mercado; por outro lado, as limitações tecnológicas que ainda subsistiam no início do século XX e as rotinas e cultura profissional dos fotojornalistas também

promoviam abordagens fotográficas sequenciais para as singularidades notáveis da atualidade, isto é, para os acontecimentos noticiáveis (Sousa, 2000, 2017, 2020), particularmente quando se tratavam de acontecimentos em desenvolvimento.

Os valores-notícia, na linha interpretativa aberta por Galtung & Ruge (1965), e continuada por autores como Wolf (1987), Golding e Elliott (1988) e Traquina (2002), aos quais já se fez referência para explicar as razões que levaram a visita real a ser notícia nas revistas ilustradas portuguesas, contribuem para explicar, por sua vez, o relevo dado ao rei, como personagem central da narrativa. Ao evidenciar indivíduos, a narrativa ganha *interesse humano*. Aliás, as histórias jornalísticas centram-se, normalmente, em pessoas e nas suas ações na sociedade, pois são, no que à noticiabilidade diz respeito, as mais relevantes e as que têm, por norma, mais sucesso junto do recetor (Sousa, 2005a). Comprova-se, assim, que as audiências, no caso os *narratários*, fazem, efetivamente, parte do processo jornalístico, quer porque atribuem sentido e dão significado às mensagens jornalísticas, quer porque influenciam as linhas e escolhas editoriais (Sousa, 2005b). Curiosamente, várias fotografias mostram personagens secundárias coletivas com papel na narrativa – o *povo*, os militares, os estudantes, personagens locais. O fotógrafo desviou, por momentos, o seu olhar fotográfico para essas personagens secundárias e contou com a cumplicidade do editor para as conduzir, coletivamente, ao olhar do leitor.

Outro aspeto a considerar na análise na narrativa fotográfica da visita real são os aspetos linguísticos e expressivos da mensagem fotográfica, que contribuem para os processos de geração de sentido da narrativa e de atribuição de significado por parte dos recetores. Barthes (1984, 2009) sugeriu que o sentido dado à mensagem fotográfica depende de fatores²⁵ como: a presença e pose dos sujeitos fotografados; os objetos visíveis; a abordagem estética; a fotogenia dos elementos da imagem; a sintaxe; e o texto verbal que complementa o sentido das imagens, orientando a leitura e suprimindo as debilidades ontogénicas das fotos, que se concretiza nas legendas e no restante texto verbal. Na iconografia jornalística da visita de D. Manuel II ao Porto e à sua atual Área Metropolitana, pode observar-se o seguinte:

1. Quanto ao sujeito central da narrativa, o soberano português, há um esforço para o mostrar em poses descontraídas e sorridente (figuras 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11 e 14), que o aproximam, simbolicamente, das pessoas com quem interage. De destacar o beija-mão da figura 9 – símbolo de reverência para com o soberano e, na verdade, segundo a lógica da instituição monárquica, para com a nação que ele encarna.
2. Quanto aos objetos presentes nas imagens, que contribuem para a produção de sentido, é de notar o embelezamento festivo dos espaços com bandeiras, pendões e outros objetos (figuras 5, 6 e 15), os símbolos de tradição (como as charretes, nas figuras 5, 6 e 8) e os símbolos de poder (como as fardas militares dos oficiais e guardas que rodeiam o rei e do próprio monarca, na figura 13). Projetam, assim, da visita real, uma visão que associa a Monarquia à tradição e ao poder, mas também à capacidade de atração popular e social do regime, à festa, júbilo e celebração que constituía a presença do rei entre os seus súbditos e à capacidade de constante renovação e adesão ao espírito do tempo da instituição monárquica, ideia que é reforçada pela juventude do soberano, patente nas imagens em que ele surge – que, porventura, também o conotariam com *inexperiência*, em articulação, inclusivamente, com enquadramentos sugeridos pela componente verbal do discurso narrativo.
3. Quanto à estética fotográfica, evidencia-se, na reportagem, a onnipresença de planos de conjunto, mais abertos ou mais fechados (figuras 5, 7, 8, 9, 11, 12, 14, 16, 17, 18, 19), opção que resulta, em grande medida, dos constrangimentos tecnológicos das câmaras, objetivas e suportes de fixação de imagem, mas também denuncia as *rotinas produtivas* que os fotojornalistas desenvolviam para, expeditamente, cobrirem acontecimentos em evolução. Os planos de conjunto aproximam, simbolicamente, o leitor

25. Não se considerou a truncagem, de que não se encontraram vestígios.

dos protagonistas, personagens secundárias e figurantes da narrativa iconográfica, mostrando, contextualmente, um pouco do espaço em que interagem, mas sem permitir a invasão simbólica do seu espaço privado. Já os planos médios americanos (figuras 11, 14), que individualizam e identificam enfaticamente os sujeitos fotografados, são menos usados, pois as objetivas usadas exigiam proximidade aos sujeitos para serem conseguidos. Alguns planos gerais (figuras 2, 3, 4), por seu turno, facultam ao observador a percepção dos espaços da narrativa visual, sendo de destacar que na figura 7 há uma justaposição de fotografias em plano de conjunto e em plano geral, a primeira para mostrar o soberano e a segunda para destacar a massa humana – como personagem coletiva – que o aclamava por ocasião do seu aniversário.

4. A fotogenia permitiu oferecer ao leitor *versões* controladas e positivas das cenas e dos sujeitos e expressou-se, principalmente, nos cuidados com a composição e com a iluminação, observáveis na generalidade das imagens, e nas roupas cuidadas e sofisticadas, civis e militares, do rei de Portugal e de outras personagens.

5. Quanto à sintaxe das imagens enquanto instrumento de produção de sentido, sublinha-se, ao longo de toda a narrativa, o esforço para respeitar uma sequência de fotografias lógica que desse conta, de uma forma fácil e rapidamente apreensível, da evolução cronológica da visita real, pontuada, no entanto, por pausas, materializadas, por exemplo, nos retratos coletivos das personagens secundárias da narrativa e nas fotografias dos espaços onde decorreram os eventos sucessivos que construíram o acontecimento no seu todo. De realçar casos específicos como a justaposição de fotografias patente na figura 7. A combinação destas duas imagens permite mostrar dois instantes separados no tempo como se de um único momento se tratasse – o rei a agradecer à massa humana que o aclamava os desejos de feliz aniversário.

Quase todas as fotos, cujo formato varia para criar ritmo expressivo na paginação e, consequentemente, na leitura, evitando a monotonia e o aborrecimento do leitor, são rodeadas de molduras artísticas desenhadas, destinadas a promover, simbolicamente, a fotografia, mesmo quando usada com fins informativos e especificamente jornalísticos, à condição de arte. A fotografia ainda seria vista como uma extensão da pintura formalista e realista. No seu conjunto, as fotografias da visita régia, mostrando e testemunhando as honras conferidas ao monarca, a deferência para com o soberano, o acolhimento do rei pelo povo e pelas forças vivas da sociedade local trabalharam, simbolicamente, para o engrandecimento de D. Manuel II e para a legitimação simbólica do poder real e sustentação do *statu quo*, no caso, para a preservação da Monarquia Constitucional – de uma Monarquia capaz de se rejuvenescer – como forma de regime em Portugal.

É de relevar, ainda, a *facilidade de acesso* aos lugares e protagonistas que os fotojornalistas evidenciavam. Nas democracias liberais mediatizadas do início do século XX, como era Portugal, o poder já não podia passar sem a publicitação controlada dos seus atos e a fotografia veiculada pela imprensa era, para este objetivo, um instrumento relevante. De notar, também, a capacidade denotada pelos fotojornalistas, com a cumplicidade dos editores, de deslocar, ocasionalmente, a narrativa dos protagonistas e eventos centrais do acontecimento para personagens e assuntos colaterais e secundários que intensificam o *interesse humano* da fotorreportagem, sendo o exemplo da figura 19 particularmente eloquente.

2. Conclusões

A presente investigação propôs-se desvelar a estrutura da narrativa iconográfica que a revista semanal *Ilustração Portuguesa* construiu da visita real que o rei D. Manuel II realizou ao Porto e outras localidades da sua atual Área Metropolitana, entre 8 e 22 de novembro de 1908, determinando os temas, identificando os recursos expressivos usados e apurando os enquadramentos sugeridos para o aconte-

cimento. A evidência produzida pelos dados recolhidos permite afirmar, primeiro, que a visita real foi notícia porque foi encarada como uma singularidade notável, definida no tempo e no espaço, e que combina valores-notícia como a referência a pessoas e lugares de elite (o Porto era a segunda mais importante cidade do país e o seu centro industrial) e a proximidade. A visita régia constituiu, portanto, para os portugueses coevos, um tema relevante e noticiável. Segundo, os dados permitem, igualmente, afirmar que a narrativa iconográfica se centrou numa abordagem fotográfica e especificamente fotojornalística. Perante o realismo da fotografia, a gravura tinha já pouco lugar na cobertura dos acontecimentos.

Em terceiro lugar, os dados sugerem que a narrativa ofereceu ao leitor, principalmente, uma *leitura* cronológica de um acontecimento em desenvolvimento, assente na documentação testemunhal fotográfica de instantes dos diversos eventos sucessivos que o compuseram, de acordo com os cânones expressivos da reportagem fotográfica coeva e por força da ação dos fotógrafos, nomeadamente de Joshua Benoliel, e das escolhas do editor, Carlos Malheiro Dias. As fotos preencheram as páginas da *Ilustração Portuguesa* consagradas ao assunto, relegando o texto verbal para segundo plano (particularmente visível nas imagens 6, 7 e 13). O conceito de reportagem fotográfica, ao tempo, assentava, portanto, na elaboração de uma narrativa cronológica visual do acontecimento por meio da justaposição de instantâneos fotográficos que acompanhassem a sequência de ações, entrecruzados com fotografias de espaços e personagens, ficando a cargo do texto verbal, pouco presente, o preenchimento das lacunas na proposta de construção de significados oferecida pelas imagens.

Em quarto lugar, várias fotografias valorizaram o jovem soberano português na sua interação com o povo e as forças vivas da sociedade local, conotando-o como jovem representante de uma Monarquia moderna que, reinventando-se no alvorecer de um reinado esperançoso, teria apoio popular. A crise que se vivia, relembre-se, foi explicitamente atribuída, verbalmente, pela *Ilustração Portuguesa* não ao monarca nem à instituição monárquica, mas sim à “obra deletéria dos políticos”.

Quinto, face à evidência produzida pelos dados, pode concluir-se, igualmente, que a cobertura jornalística da visita régia ao Porto na *Ilustração Portuguesa* se centrou, conforme a teoria da noticiabilidade prevê, na figura real, mas também nas atitudes de reverência para com o soberano (sendo particularmente simbólico o beija-mão da figura 9) e nos “banhos de multidão” de que ele foi protagonista, em lugares engalanados e num ambiente festivo. A revista construiu, assim, uma narrativa favorável ao monarca e à Monarquia como instituição sintonizada com o povo, na qual as fotografias de Joshua Benoliel²⁶, pioneiro do fotojornalismo em Portugal, enviado especial (assim é identificado) da *Ilustração Portuguesa*, ancoraram, em grande medida, a geração de sentido e a construção de significado para a viagem régia. No seu conjunto, texto verbal e texto iconográfico são apreciativos da Monarquia Portuguesa e de D. Manuel II, apesar da juventude e inexperiência do soberano.

Em suma, o texto verbal e o texto imagístico reforçaram-se, mutuamente, para gerar sentido, ainda que o redator tenha usado as palavras para descrever verbalmente as ações testemunhadas e documentadas fotograficamente, suprimindo, com informação verbal, as lacunas ontogénicas das fotografias no processo de geração de sentido. É de realçar, neste contexto, a abertura dos políticos ao trabalho dos fotógrafos. A presença destes últimos nos espaços dos acontecimentos – que influenciavam, pois, o observador influencia o que observa, conforme se nota, com mais evidência, nos retratos (figuras 13 a 18), nos quais os sujeitos fotografados olham para a câmara – permitiu não apenas documentar, visualmente, a visita real, mas também propagandear o novo e jovem rei e a Monarquia portuguesa, contribuindo para a legitimação simbólica do *statu quo* português e, portanto, do poder real e do regime monárquico. Nas democracias liberais, como era Portugal, o poder precisava da imprensa e, consequentemente, dos fotojornalistas e da fotografia jornalística, para se mediatizar e, assim, para se legitimar continuamente por meio da publicitação controlada dos seus atos.

26. Relembre-se que a revista *Brasil-Portugal* recorreu aos serviços do fotógrafo português Álvaro Cardoso de Azevedo.

Como pormenor não despreciando no que respeita ao texto verbal, deve chamar-se a atenção para o recurso a títulos neutros e meramente referenciais, apesar de o jornalismo atravessar uma fase histórica de renovação e popularização que, estimulada pelo Novo Jornalismo finissecular oitocentista norte-americano, o conduziu ao sensacionalismo. Além disso, a cobertura, sem prescindir da formalidade em alguns retratos posados (figura 13), seguiu um cânone descontraído. Os fotógrafos podiam aproximar-se do rei e de outras personagens e fotografá-los em ocasiões que pareciam informais e descontraídas. Havia notória cumplicidade – e confluência de interesses – entre o monarca português e outros personagens dotados de capital social e político, por um lado, e os fotojornalistas, por outro lado. Os detentores de poder precisavam de publicitar os seus atos pela imprensa, ao tempo o principal meio de difusão massiva de mensagens, legitimando-se e valorizando-se continuamente aos olhos dos cidadãos e defendendo, assim, a sua utilidade e relevância. Os segundos ambicionavam executar o seu trabalho, justificando o papel social e profissional que foram construindo. Quereriam, também, certamente, sobressair e promoverem-se entre os seus pares e perante o público, obtendo reconhecimento, por meio da produção de fotografias informativas inéditas, exclusivas ou em primeira-mão, que não só testemunhassem os eventos que cobriam, mas que também demonstrassem a sua competência enquanto fotógrafos, dando conta, nomeadamente, de um *olhar fotográfico* diferenciado e competente. Finalmente, a narrativa, ainda que povoada, maioritariamente, por *fotografias de ação* que proporcionam uma versão fílmica do acontecimento, valorizou a personagem principal e mais noticiável do acontecimento. As restantes individualidades presentes acrescentaram importância simbólica à visita real, mas nunca ofuscaram a centralidade do rei.

Referências Bibliográficas:

- Almeida, J. M. (2022). *D. Manuel II. A biografia do último rei de Portugal*. Manuscrito Editora.
- Barthes, R. (1984). *A câmara clara: notas sobre a fotografia*. Nova Fronteira.
- Barthes, R. (2009). A mensagem fotográfica. In R. Barthes (Ed.), *O óbvio e o obtuso* (pp. 11-16). Edições 70.
- Duprat, V. (2012). *A amante do reizinho e outras histórias de D. Manuel II. Amores e desamores do último rei de Portugal*. Oficina do Livro.
- Fernandes, L. R. R. (2008). *Maçonaria e implantação da República*. [Dissertação de mestrado, Universidade de Aveiro].. <http://hdl.handle.net/10773/2811>
- Filho, A. G. (2012). *O segredo da pirâmide. Para uma teoria marxista do jornalismo*. Insular.
- Galtung, J. & Ruge, M. H. (1965). The structure of foreign news. The presentation of the Congo, Cuba and Cyprus crises in four Norwegian newspapers. *Journal of Peace Research*, 2(1), 64-90. <https://doi.org/10.1177%2F002234336500200104>
- Golding P. & Elliott P. (1988). News values and news production.I In P. Marris & S. Thornham (Eds.), *Media studies: a reader* (pp. 635-647). Edinburgh University Press.
- Lima, H. (2012). *A imprensa portuense e os desafios da modernização*. Livros Horizonte & Centro de Investigação Media e Jornalismo.
- Lima, H. (2022). Continuidade e inovação na imprensa portuguesa de finais do século XIX: a emergência do jornalismo noticioso. In A. Cabrera, H. Lima (Coord.), *Imprensa em Portugal: uma história* (pp.168-187). Livros ICNOVA. <https://colecaoicnova.fcsh.unl.pt/index.php/icnova/article/view/113>
- Marques, A. H. O. (1973). *História de Portugal*. Vol. III. Ágora.
- Marques, A. H. O. (1995). *Breve história de Portugal*. Presença.
- Martins, R. (1933). Prefácio. In *Arquivo gráfico da vida portuguesa 1903-1918* [coleção em fascículos de fotografias de Joshua Benoliel]. Bertrand.
- Martins, R. (1942). *Pequena história da imprensa portuguesa*. Inquérito.

- Matos, Á. C. (2017). A Imprensa na I República Portuguesa: constantes e linhas de força (1910-1926). In J. P. Sousa, H. Lima, A. Hohlfeldt, & M. Barbosa (Eds.), *Uma História da Imprensa Lusófona. Portugal* (pp. 233–312). Media XXI, Vol. II.
- Matos, Á. C. & Moreira, N. B. (2022). A Imprensa Periódica na I República Portuguesa (1910-1926): novos contributos para a sua história. In A. Cabrera & H. Lima (Coord.), *Imprensa em Portugal: uma história* (pp.188-270). Livros ICNOVA. <https://colecaoicnova.fcsh.unl.pt/index.php/icnova/article/view/114/123>
- Nunes, T. (2006). Alfonso XIII em Portugal (12 a 15 de Fevereiro). A visita real a Vila Viçosa e o seu impacto. *Revista de Estudios Extremeños, LXII* (3), 1059-1082. <https://bityli.com/kTCvMxXY>
- Nunes, T. (2009). *Carlos Malheiro Dias. Um monárquico entre dois regimes*. Caleidoscópio.
- Nunes, T. (2019a). “Alfonso XIII e Manuel II: as duas faces da mesma moeda no discurso republicano português (1908-1910)”. *Pasado y Memoria. Revista de Historia Contemporánea, 18*, pp. 87-111. <https://doi.org/10.14198/PASADO2019.18.05>
- Nunes, T. (2019b). Representações da Monarquia Constitucional no espaço público português (1880-1910). *Historia Constitucional, 20*, 141-170. <http://dx.doi.org/10.17811/hc.v0i20.591>
- Oliveira, G. B. V. (1997). *Flashes do passado: o fotojornalismo como fonte histórica*. *Revista Eletrónica de História do Brasil, 1*(2).
- Peres, D. (1954). *História de Portugal: edição monumental*. Suplemento. Portucalense Editora.
- Proença, C. & Manique, A. P. (1990). *Ilustração Portuguesa*. Alfa.
- Ramos, R. (2001). *A segunda fundação. História de Portugal, 6, dir. José Mattoso*. Estampa.
- Ramos, R. (Coord.), Sousa, B. V. & Monteiro, N. G. (2009). *História de Portugal*. A esfera dos livros.
- Ramos, R. (2005). *D. Carlos, 1863-1908*. Círculo de Leitores.
- Rodrigues, A. D. (1988). O acontecimento. *Revista de Comunicação e Linguagens, 8*, pp. 9-16.
- Santos, R. (2005). Jornalismo português em finais do século XIX. Da identificação partidária à liberdade de reportar. *Media & Jornalismo, 6*, pp. 83-94.
- Sardica, J. M. (2000). Censuras à imprensa durante a Monarquia. *História, 23*, 28-37.
- Sardica, J. M. (2000). Poderes políticos e liberdade de expressão no século XIX. Censuras à imprensa durante a Monarquia. *História, 23*, 28-37.
- Sardica, J. M. (2009). O jornalismo e a *Intelligentsia* portuguesa nos finais da Monarquia Constitucional. *Comunicação & Cultura, 7*, 17-38. <https://revistas.ucp.pt/index.php/comunicacaoecultura/article/view/473> | <https://doi.org/10.34632/comunicacaoecultura.2009.473>
- Sardica, J. M. (2011). *Da Monarquia à República*. Alêtheia Editores.
- Sardica, J. M. (2012). O poder visível: D. Carlos, a imprensa e a opinião pública no final da Monarquia Constitucional. *Análise Social, XLVII-2*.º(203), 344-368. <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1341933211N8jUA9pk3Cj10SO1.pdf>
- Serén, M. C. (2004). *Ilustração Portuguesa*. Ilustração Portuguesa, 68-119. Centro Português de Fotografia/Ministério da Cultura.
- Serrão, J. V. (2003). *História de Portugal*. Vol. XI. Verbo.
- Sousa, J. P. (2000). *Uma história crítica do fotojornalismo ocidental*. Letras Contemporâneas & Argos/UNOESC.
- Sousa, J. P. (2005a). *Elementos de jornalismo impresso*. Letras Contemporâneas.
- Sousa, J. P. (2005b). Construindo uma teoria multifatorial da notícia como uma teoria do jornalismo. *Estudos em Jornalismo & Mídia, II*(1), 73-94. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2090>
- Sousa, J. P. (2008). Uma história breve do jornalismo no Ocidente. In J. P. Sousa (Org.), *Jornalismo: história, teoria e metodologia da pesquisa. Perspetivas luso-brasileiras* (pp. 12-93). Edições Universidade Fernando Pessoa. <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf>

- Sousa, J. P. (Org). (2015). *Balas de Papel. A Imprensa Ilustrada e a Grande Guerra (1914-1918). Estudos Sobre Revistas de Portugal, Brasil e Espanha*. Media XXI.
- Sousa, J. P. (2017). *Veja! Nas Origens do Jornalismo Iconográfico em Portugal: Um Contributo para uma História das Revistas Ilustradas Portuguesas (1835-1914)*. Media XXI.
- Sousa, J. P. (2020). *Para uma história do jornalismo iconográfico em Portugal. Das Origens a 1926*. Livros ICNOVA. <https://coleccionicnova.fcsh.unl.pt/index.php/icnova/issue/view/6>
- Sousa, J. P. (2021). *Portugal. Pequena história de um grande jornalismo I. Da manufatura à indústria*. Livros ICNOVA. <https://doi.org/10.34619/hycl-qblv>
- Traquina, N. (2002). *Jornalismo*. Quimera.
- Verón, E. (1983). Quand lire c'est faire: L'enunciation dans le discours de la presse écrite. *Semiotique III*. IRED.
- Verón, E. (2004). *Fragmentos de um tecido*. UNISINOS.
- Vieira, J. (2009). *Joshua Benoliel*. Círculo de Leitores.
- Wolf, M. (1987). *Teorias da Comunicação*. Presença.

Fontes impressas

- Ilustração Portuguesa*, n.º 143, 16 de novembro de 1908.
- Ilustração Portuguesa*, n.º 144, 23 novembro de 1908.
- Ilustração Portuguesa*, n.º 145, 30 de novembro de 1908.
- Ilustração Portuguesa*, n.º 146, 7 de dezembro de 1908.
- Ilustração Portuguesa*, n.º 147, 14 de dezembro de 1908.
- Ilustração Portuguesa*, n.º 148, 21 de dezembro de 1908.